

Imazon adota sistema que detecta desmatamento com precisão de um hectare

Categories : [Notícias](#)

Uma das maiores dificuldades de monitorar o desmatamento na Amazônia Legal é visualizar o corte raso em pequena escala. Isso não era um problema enquanto o padrão de derrubada da floresta era de grandes áreas desmatadas, e isso permitia que sensores de menor definição pudessem ser utilizados na tarefa. Mas a intensificação da fiscalização fez com que os desmatadores mudassem de estratégia: em vez de abrir grandes áreas passaram a desmatar menores, imperceptíveis para os satélites usados pelos órgãos ambientais. O fenômeno já havia sido identificado pelo Ministério do Meio Ambiente. Agora, o Imazon, uma organização ambientalista que faz monitoramento independente do desmatamento, passou a usar informações de sensores de satélites mais refinados para se adequar à nova realidade.

Desde agosto, o Instituto passou a receber informações dos sensores Landsat 7 e Landsat 8 no seu monitoramento mensal da floresta Amazônica, o [SAD](#) (Sistema de Alerta de Desmatamento). Com isso, tornou possível detectar a derrubada de vegetação a partir de 1 hectare, equivalente a um campo de futebol. Antes, o SAD detectava apenas derrubadas a partir de 10 hectares. O resultado é que o desmatamento miúdo deixou de ser invisível.

“É como se o SAD acabasse de comprar óculos novos”.

É como se o SAD acabasse de comprar óculos novos. A diferença entre o detectado pelo dados anteriores à mudança e os atuais terá que ser ajustada para não prejudicar a série histórica, isso porque o desmatamento sempre é comparado ao mesmo mês do ano anterior. Então, para saber se a perda de floresta foi maior ou menor em agosto de 2017, o cálculo é feito usando como base o desmatamento verificado em agosto de 2016, quando o satélite identificava apenas desmatamentos acima de 10 hectares.

A compensação será feita até julho de 2018 da seguinte maneira: o Imazon disponibilizará os dados comparativos de desmatamento acima de 10 hectares em uma tabela. E em outra analisará a perda florestal de baixa escala, separadamente.

“Estamos preservando a série histórica, fazendo somente a comparação dos alertas acima de 10 hectares com o que já tínhamos coletado no passado. Assim, evitamos possíveis superdimensionamento do desmatamento”, explica Antônio Victor Fonseca, pesquisador do Imazon.

Segundo Fonseca, quando o novo SAD completar um ano, não será mais necessário a separação das duas medidas.

A ambição é que, num futuro próximo, o SAD consiga produzir um monitoramento anual de desmate comparável ao Prodes, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, que produz os dados oficiais sobre a perda de floresta e os divulga anualmente. Os sensores do Prodes conseguem detectar desmatamento a partir de 6 hectares (ou 60 mil metros quadrados).

“Não estamos fazendo essa comparação direta agora. O sistema não está pronto ainda, mas a ideia é de ter um produto de faixa de desmatamento, com o dado consolidado do último mês do calendário, que é, no caso, julho [...]. No PRODES a detecção é a partir de 6 hectares e nós estamos detectando a partir de 1 hectare. Precisamos ver se dá para fazer esse tipo de comparativo, porque são faixas de desmatamento diferentes”, afirma Antônio Victor Fonseca.

Desmatamento diminuiu em agosto

Ainda segundo o Imazon, a Amazônia perdeu 184 quilômetros quadrados de florestas em [agosto](#), ou 18.400 hectares. Destes, 39 quilômetros quadrados (ou 3.900 hectares) ocorreram em áreas menores de 10 hectares. Desmatamentos de pequena escala correspondem a 21% do total

desmatado em agosto, uma parte significativa que permaneceria ignorada, não fosse o novo sistema.

A maioria desses alertas abaixo de 10 hectares se concentrou no Acre e ao longo da Rodovia Transamazônica no trecho do Pará.

Considerando apenas os alertas a partir de 10 hectares, houve redução de 75% em relação a agosto de 2016, quando o desmatamento somou 582 quilômetros quadrados. Em agosto de 2017, a divisão entre estados da área desmatada foi: Mato Grosso, que desmatou 7 mil hectares e, portanto, foi responsável por 40% do desmatamento no período, seguido do Pará, que derrubou 4.900 hectares (32%), Acre, com 200 hectares (9%); Rondônia, com 1.100 hectares (9%); Amazonas, com 1000 hectares (8%) e Roraima, com 300 hectares (2%).

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/reportagens/27077-inpe-e-imazon-vigilantes-do-desmatamento-na-amazonia/>

<http://www.oeco.org.br/reportagens/29248-a-ciencia-engajada-na-preservacao-da-amazonia/>

<http://www.oeco.org.br/noticias/29175-ucs-mais-desmatadas-sao-vizinhas-das-grandes-obras-na-amazonia/>